

---

*Sonetos Luxuriosos*, de Pietro Aretino. Tradução, Introdução e Notas de José Paulo Paes. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, 112 pp.

---

No panorama literário italiano, Pietro Aretino (1492-1556) parece não ter ocupado um lugar de muito prestígio, pois não é difícil constatar que a figura desse escritor provocativo e irônico é bem diferente da de seus contemporâneos Ariosto, Bembo, Sannazaro e outros. Se por muito tempo os seus *Sonetti Lussoriosi* (1524) causaram escândalo e foram relegados à censura, ao descaso e ao mistério por seu cunho marcadamente erótico/sexual/obsceno, nos tempos atuais, no entanto, encontram-se à disposição de qualquer um em diferentes *sites* da Internet.

Não por acaso, lembra José Paulo Paes, na “Notícia biográfi-

ca” à sua tradução dos *Sonetos Luxuriosos*, “toda época histórica precisa, *a posteriori*, pelo menos, de um bode expiatório que lhe possa purgar as culpas e os crimes. A Renascença italiana teve-o sob medida em Pietro Aretino” (p 11). Além disso, ainda observa J. P. P. “o fato de terem nascido sob o signo do escândalo e, em consequência, de ficarem marcados com o labéu da obscenidade, que os relegaria por quatro séculos ao *infer* das pequenas edições clandestinas, explica a escassez de informações seguras acerca dos *Sonetti Lussoriosi*” (p 30).

Para melhor entender a concepção deste escritor de versos satíricos e eróticos - que os admiradores chamavam de “poeta favoloso”, os opositores de “mostro infame” e depois da publicação dos *Sonetti Lussoriosi*, de “poeta maledetto” -, e o por quê de tantas críticas, vale a pena transcrever as palavras

do próprio autor, numa carta sobre os seus *Sonetos luxuriosos*, quando observa: “[...] que mal haverá em contemplar um homem a possuir uma mulher? Serão os mesmos animais mais livres do que nós? [...] Não é mister ocultar órgãos que engendram tantas criaturas belas. Seria antes mister ocultar nossas mãos, que nos dissipam o dinheiro, fazem juramentos falsos, emprestam a juro usurários, torturam a alma, ferem e matam”. Essa declaração parece confirmar as palavras do historiador alemão Vossler quando na sua *História da Literatura Italiana* afirma “ninguém foi mais odiado, mais denegrido, mais temido e mais admirado que ele (Aretino)”.

E se os *Sonetti lussuoriosi* são “um marco na história da poesia erótica do Ocidente” (p 25), e comparáveis, em certo sentido, ao *Kama-sutra* (manual indiano de técnicas sexuais, escrito em sânscrito, no fim do século IV), convém determo-nos um pouco na tradução ao português. Antes, porém, vale lembrar que, de maneira geral, a tradução de poesia é uma operação de extrema complexidade, pois se a poesia é, segundo Pound, “a forma mais condensada de linguagem”, logo esta apresentaria inúmeras dificuldades. Daí muitos terem decretado a sua intraduzi-

bilidade. Dante, por exemplo, afirmava que os “nexos expressivos entre som ou forma das palavras e o seu significado, sistematicamente explorados em poesia, impossibilitava traduzi-la sem com isso roubar-lhe *tutta sua dolcezza e armonia*”; e Manuel Bandeira, apesar de ter traduzido durante toda a sua vida, não hesitou em afirmar mais de uma vez que não é possível traduzir poesia.

Poetas, críticos e ensaístas como Jakobson, Pound e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos defenderam ser possível a reprodução de poesia em outras línguas através da “transposição criativa”, ou seja, a poesia é intraduzível sim, mas passível de uma “recriação” ou “transcriação”. Seguindo esta concepção, as traduções não são versões literais, mas recriações de traduções que intentam funcionar autonomamente, reeditando, com a maior precisão possível, os aspectos formais do original.

Percorrendo essa linha, José Paulo Paes, na tradução dos *Sonetti Lussuoriosi*, busca uma reprodução formal muito próxima do original. E ao privilegiar os aspectos formais na tradução desses sonetos, o tradutor nas suas opções lexicais, por exemplo, acaba fazendo escolhas não muito felizes,

como é o caso de uma das palavras-chaves e que mais se repete ao longo dos sonetos de Aretino: *potta*, traduzida por *cona*. É o que se pode observar, por exemplo, na 1ª estrofe do soneto 11

*Perchè io provi un sì solenne cazzo,  
che mi rovescia gli orli della potta,  
Io vorrei trasformarmi tutta in  
potta,*

*Ma vorrei che tu fossi tutto cazzo.*

Para provar tão célebre caralho,  
Que me derruba as orlas já da *cona*,  
Quisera transformar-me toda em  
*cona*.

Mas queria que fosses só caralho.

Ou então na primeira estrofe do soneto 26:

*Questi nostri sonetti fatti a cazzi,  
Soggetti sol di cazzi, culi e potte  
E che son fatti a culi, a cazzi, a  
potte*

*S'assomigliano a voi, visi di cazzi.*

Estes nossos sonetos do caralho,  
Que falam só de *cu*, caralho, *cona*,  
e feitos a caralho, a *cu*, a *cona*.

Semelham vossas caras de caralho.

Mas se pensarmos a tradução como uma atividade de perdas e ganhos, a escolha lexical do tradutor, nem sempre muito usual no português brasileiro do século XX e, em certo sentido, contrária ao espírito libertino e obsceno que

Aretino quis dar a essas palavras nos seus sonetos, compensou o ganho das formas métricas.

Além disso, um outro elemento que parece não ter sido devidamente considerado na tradução de J.P.P é o relacionado à ironia. Este aspecto é muito marcante nos sonetos de Aretino, mas também de difícil reprodução em uma tradução. Contudo, acredita-se que à medida que novas traduções forem surgindo, melhores soluções poderão ser encontradas, pois como nos lembra Benjamim, Borges e outros, somente várias traduções de uma obra podem nos conduzir ao seu verdadeiro sentido.

Alguém, no entanto, poderia perguntar: qual solução teria sido melhor? Ou ainda observar, como o próprio José Paulo Paes que criticar uma tradução não basta, é preciso apresentar uma alternativa. Bem, este certamente não seria o lugar para propor uma tradução alternativa dos vinte e seis sonetos de Aretino, mas, para além dessas pequenas observações, é preciso louvar José Paulo Paes por possibilitar ao leitor brasileiro monolíngüe o conhecimento desse grande “poeta maledetto”, reafirmando a necessidade de poesia e demonstrando que a tradução é sempre uma ponte necessária.

Andréia Guerini